



O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas

Jorge L. Ahumada*, Buenos Aires

O enfraquecimento, quando não o descarte puro e simples, da possibilidade de acesso a conhecimentos válidos, que caracteriza a época atual – tanto a pós-modernidade quanto o pós-modernismo como ideologia literária ou filosófica – não introduz senão tensões no acesso, delimitação e conceitualização do psiquismo inconsciente. O presente trabalho centra-se em alguns aspectos dessa complexa problemática, em especial no impacto sobre como se concebe a cientificidade e o modus operandi da psicanálise a partir das cosmovisões clássica e romântica, incluindo de que modo as versões restritivas da idéia de ciência em jogo são postas a serviço de se questionar a pertinência do método psicanalítico como aproximação empírica válida e, assim, resgatar para a literatura e a filosofia a exclusividade dos terrenos do psiquismo humano que as referidas disciplinas seguem considerando como seus.

* Membro da Associação Psicanalítica Argentina e Membro Honorário da Sociedade Britânica de Psicanálise.





Que os nossos conceitos psicanalíticos estejam longe de serem unívocos vale para a idéia mesma de inconsciente. Desde os inícios da obra de Freud, na primeira tópica, são inconscientes tanto os impulsos instintivos quanto as experiências vivenciais que cederam à repressão e também os processos de pensamento. Esses, inconscientes em sua origem, somente por momentos e de forma fragmentária se fazem conscientes. Na segunda tópica, a partir da introdução da cisão do ego, o conceito de inconsciente se complexifica ainda mais. Desde então, o insitamente inconsciente do aparelho pulsional, as experiências vividas que foram reprimidas e o inconsciente dos processos de pensar, para não entrar no vasto tema das cisões do ego, corresponderão a muitas diferentes modalidades de ser inconsciente e a diferentes graus de acesso ao *insight*.

Antes de considerar as tensões que, no atual contexto da pós-modernidade, recaem sobre a possibilidade mesma de um ponto de vista epistêmico acerca de como entender o psíquico inconsciente, faz-se necessário esclarecer que, embora o assunto magno da “morte das evidências” tenha recebido tal denominação em fins do século XIX a partir da obra de Friedrich Nietzsche, suas raízes se encontram, no início desse século, nas origens do movimento romântico. Tanto em Schiller, quanto em Schlegel e Keats, para citar somente alguns, o modo da criação artística – em especial da criação poética – assumiu o valor de modelo geral, supra-ordenando-se a qualquer consideração evidencial. A auto-expressão substituiu assim, em nossas vidas cotidianas, as noções de desenvolvimento pessoal e evolução psíquica que se arraigavam em nossa dependência das evidências.

Se, no final do século XIX, Nietzsche, na filosofia, e os modernistas franceses, Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire, para citar alguns, retomaram a supremacia da auto-expressão, o espírito romântico, recém iniciado o século XX, brilhou no futurismo de Marinetti com suas proclamações de uma fusão prometeica do homem e da máquina e logo nos supematistas russos, assim como no surrealismo em suas duas vertentes, artística e política, cujo ponto de confluência se exacerba na idéia da “obra de arte total”, que implicava a passagem emancipatória global do modelo da arte para o cenário político-social, pondo em ato a expressão mais vigorosa da herança romântica. A preeminência dos pós-modernismos filosóficos e literários herda e exacerba a herança romântica, disso resultando uma ampla mudança de rumo dos usos e funções do inconsciente.





Pós-modernidade e pós-modernismo

Como julgo indispensável diferenciar conceitualmente pós-modernidade e pós-modernismo, digamos que entendo a primeira como a época em que vivemos, não importa se a chamemos de “Era do Vazio” com Lipovski, de “Sociedade do Espetáculo” com Debord, de “Tecnopólio” com Postman, enquanto Baudrillard destaca os simulacros, a hiper-realidade e o êxtase da negação e Jameson sublinha a abolição do tempo histórico, abordagens essas que supõem retomar-se uma ou outra característica arquetípica dos tempos que correm. Segundo sustenta esse último autor, Fredric Jameson (1991, p.366), atualmente principal porta-voz acadêmico da esquerda norte-americana, o pós-moderno começa a aparecer a partir do momento em que o processo de modernização não encontra mais obstáculos e triunfalmente implanta sua própria lógica autônoma. Nessa referida lógica, operante à semelhança de um jogo computacional cujos parâmetros mudam de um momento para outro, cada um se torna uma mera peça, pois dar o melhor de si, por exemplo, não garante a própria posição em um determinado trabalho. Em tal contexto social de seriação, no qual a mudança fortuita das regras torna fantasmático o futuro pessoal, dá-se o terror do anonimato iminente que leva, por sua vez, a um descuido e a uma involuntariedade deliberadas em que o sucedido ou se reformata ou se destina ao esquecimento. Com o que, diz aquele autor, na pós-modernidade, realidade social e ideologia coincidem.

Quanto ao vocábulo pós-modernismo, restrinjo-lhe o uso para nomear uma cosmovisão, ou, caso se queira, um estilo, que rege hoje os meios filosófico-literários. Em seu âmbito próprio, pode-se vê-lo ao mesmo tempo como uma reação face ao modernismo literário e uma prolongação do dito modernismo, caracterizada, conforme Jameson, pela passagem da paródia ao *pastiche* em uma sucessão na qual a ironização típica do modernismo mais e mais se esvazia de conteúdo.

Se é útil, para não dizer indispensável, distinguir entre a pós-modernidade como a época da sociedade midiática e globalizada em que nos toca viver e o pós-modernismo como a mais recente vertente acadêmica do modelo romântico da arte, assumindo a qualidade de cosmovisão, à qual seremos livres para aderir ou não, isso não implica de modo algum deixar de lado que pós-modernidade social e pós-modernismo confluem à semelhança de duas caras de uma mesma moeda. Concomitâncias semelhantes dão-se em nosso campo: um crítico literário norte-americano, Norman Holland, cuja vinculação com a psicanálise o levou a propor há mais de três décadas uma influente postura quanto à “resposta do leitor”, na qual a interação texto e leitor segue um paralelo com o modelo da interação psicanalítica, sustenta que, ainda que o pós-modernismo seja o clima intelectual em que hoje se situa a psicanálise, ele não se arriscaria a definir um termo tão inapreensível, que talvez designe mais um estilo.





Jorge L. Ahumada

Em coincidência com outros autores, Holland coloca como característica do estilo pós-moderno a primazia dada ao complexo e ao contraditório, às superfícies sobre as profundezas, às particularidades sobre as generalizações simplificadoras, àquilo que se contrapõe sobre o confirmatório, ao simultâneo sobre o seqüencial, ao fragmentário sobre o unitário. No âmbito da arte, diz ele, os pós-modernistas valorizam o uso da ironia, da paródia e do *pastiche*, trabalhando uma linguagem liberada das ancoragens tradicionais, isto é, emancipada de referentes, linguagem na qual a manipulação dos signos ocupa o primeiro plano, assumindo-se como um fim em si mesma (1998, p.1207).

Classicismo e romantismo na psicanálise

Em um trabalho publicado há quase quinze anos, *A visão clássica e a visão romântica da psicanálise*, o filósofo Carlo Strenger (1989) sustenta que, embora raramente se o diga explicitamente, uma tensão entre essas duas atitudes de base ocorre em nossa disciplina desde a década de vinte, exacerbando-se nos últimos tempos. Citando Hulme (1924), menciona que, para a atitude romântica, o homem, fonte inesgotável de possibilidades, é intrinsecamente bom, as circunstâncias é que o arruinam; para a atitude clássica, em troca, o homem, intrinsecamente limitado, deve ser disciplinado pela ordem e a tradição para alcançar algum grau de decência. Estabelece como paradigmático o classicismo de Kant na filosofia e o de Freud na psicanálise, enquanto Rousseau e Goethe exemplificam o romantismo filosófico e Ferenczi, Winnicott e Kohut o romantismo psicanalítico.

Freud, argumenta Strenger, contrapõe, desde o início, o princípio de prazer e o princípio de realidade, colocando-se do lado da razão em oposição ao instintivo e ao infantil e negando a seus pacientes tudo que ocorra fora dos *insights*, isto é, do que os aproxime da verdade com respeito a eles mesmos. Sendo um pessimista cultural, Freud pensa que a natureza humana é frágil e que as teorias não devem fomentar ilusões, atendo-se a um *ethos* de veracidade e busca da maturidade psíquica. Aqui, no que o filósofo francês Paul Ricoeur (1970) chamou de uma hermenêutica da suspeita, não se costuma aceitar como tal o que o paciente sustenta e o que parece sublime costuma-se tomar como satisfação encoberta do infantil; não há, pois, lugar no inconsciente, diz Strenger, para segredos românticos, nem tesouros ocultos e se supõe que somente a verdadeira maturidade pode nos redimir, pois as ilusões infantis na continuação de uma realidade prazerosa sem esforços nos levariam, em última instância, a maiores sofrimentos.

Em contrapartida ao classicismo de Freud, Strenger coloca Kohut como exem-





plo do ponto de vista romântico em psicanálise, sustentando que as controvérsias que despertou resultam, em boa medida, da contraposição entre classicismo e romantismo. Para Kohut, diz, a idealização é essencial, pois quem na infância não idealizou seus pais não alcança uma vida suficientemente significativa. O self coesivo kohutiano é uma estrutura bipolar que incluirá, por um lado, a experiência de si mesmo como digno de amor, valioso e capaz e, por outro, os valores que darão direção e sentido à vida. O primeiro pólo é o pólo da ambição e do exibicionismo, o segundo é o dos ideais e valores. Sua polaridade básica dá-se entre a alegria e a vitalidade, por um lado, e a depressão e o vazio, por outro. Segundo Strenger, Kohut põe de cabeça para baixo as colocações freudianas: se a criança encontra prazer nos seus órgãos como tais, verá isso como a resultante de um fracasso dos que a criam em ajudá-la a instaurar um self coeso, e o mesmo ocorrerá em torno da conflitiva edípica. Em sua ética romântica, não bastará a razoabilidade, pois sem entusiasmo e alegria a vida não merece ser vivida.

Uma diferença central na atitude analítica ocorre, diz, em relação à suspeita terapêutica. Enquanto o analista clássico está disposto a suspeitar das aparências, a fim de incrementar o autoconhecimento por parte do analisado, para o analista kohutiano, no paciente, o traem suas vivências de depressão e de vazio e ele tende a buscar o núcleo humano subjacente aos desejos perversos na idéia de que esses são intentos de controlar as vivências de desvitalização. Ele empatiza com o paciente, evitando a confrontação e, em suas histórias clínicas, ajuda o analisado a entender como seus pais falharam com ele e que muito do ódio e desprezo que sente para consigo mesmo deriva da incapacidade desses pais para desfrutarem dele como ser humano.

Na idéia geral de que o analista provê “*muito mais do que o conteúdo cognitivo de suas interpretações*” (p.601), isto é, de que o analisado incorpora sua cosmovisão global, sustenta que é muito diferente incorporar a visão clássica ou a visão romântica centrada no entusiasmo e na plena subjetividade. Ainda que reconheça não haver uma dicotomia entre ambas as atitudes, pois muitas das interpretações bem sucedidas dependem de se obter um equilíbrio, em boa medida segundo o tipo de patologia do paciente (p.605), para Strenger o tema vai além do puramente técnico e implica, em última instância, a tensão entre identificar-se com a própria perspectiva, por um lado, e desprender-se dela, por outro (p.606). Nós, seres humanos, necessitamos *viver* intensamente nossas necessidades e desejos, o que vai além do pensá-los (p.607), mas, se não nos questionarmos, nos tornaremos impulsivos e irreflexivos, prejudicando os outros e a nós mesmos. Essa tensão, diz, é irresolúvel, pois ambas as perspectivas fazem parte da natureza humana.





Jorge L. Ahumada

A apoteose do romantismo expressivo e o ocaso do *Realitätsprinzip*

Deve-se concordar quanto à distinção de uma corrente clássica e uma corrente romântica em psicanálise e também em que Freud, com sua consistente indagação do método e sua ênfase no *insight* acerca das realidades psíquicas em jogo como a via régia para as evoluções psíquicas, resulta ser o epítome da atitude clássica. Mas mais duvidoso, posto que insuficientemente matizado em suas complexidades, é atribuir a Kohut – e mesmo a Ferenczi e a Winnicott – o papel de exemplos da atitude romântica. Na verdade, ao buscar um representante extremo da dita atitude, nós o encontraremos na postura que foi adotando o mesmo Strenger, como mostra seu livro último, *A busca da voz na psicanálise atual* (2002), em que, com a idéia de que as tarefas da individuação mudaram de plano no curso do século XX, se coloca sob o duplo apadrinhamento de Federico Nietzsche e Michel Foucault.

Previsivelmente, a crítica do status epistêmico da psicanálise tal como Freud o concebeu é o primeiro passo em seu intento de acoplar a psicanálise à cosmovisão romântica. E digo previsivelmente porque os mesmos passos nós os encontramos já em Foucault e também em autores psicanalíticos amplamente influentes como Jean Laplanche, conforme detalho em outro trabalho (Ahumada, 2001). É a partir de uma visão restritiva e unitária com respeito à pluralidade muito heterogênea do amplo campo das ciências que se descarta a cientificidade da psicanálise, abrindo as portas à apoteose romântica da auto-expressão: o livro aponta, segundo o que expõe, para “*uma radicalização do enfoque construtivista na linha nietzscheana e foucaultiana*” (p.32). A psicanálise passa a ser uma disciplina do “si mesmo” no sentido que Foucault daria a esses termos, na qual a situação terapêutica envolve uma desordem e falta de organização tais que qualquer intenção purista de pensá-la levaria ao fracasso (p.76).

Previsivelmente, pois, Strenger sustentará como eixo epistêmico – ou, melhor dito, anti-epistêmico – de sua argumentação que “*ao longo da maior parte de sua história a psicanálise operou sob uma noção ilusória de teoria*” (p.43), a qual se põe a desqualificar como “*demasiado vaga para permitir sua comprovação científica, ou que, na medida em que pôde ser comprovada, não recebeu confirmação científica*” (Grünbaum, 1984, p.44). A invocação do denominado indutivismo estrito de Grünbaum como definidor do que cabe e do que não cabe considerar científico parece-me suficientemente esclarecedora da postura fiscalista em que Strenger pretende se apoiar. E é característico, penso, do universo primordialmente retórico em que circula que tão categórica afirmação seja tomada diretamente por válida, sem necessidade aparente de esclarecimentos a respeito. Somente em uma brevíssima referência bem mais adiante afirmará que “*uma teoria é uma estrutura formalizada de con-*





ceitos e proposições combinada com asserções mais ou menos claras sobre as condições que contariam como evidência das ditas proposições “, enquanto que “o mito é uma construção narrativa que permite elucidar a experiência e gerar sentido, mas não verdade ou falsidade, e que certamente não reúne condições de aceitabilidade epistêmica” (p.73).

Tal oposição abre um grande oco no campo do conhecimento, pois coloca, de um lado, as teorias formalizadas e, do outro, os mitos, que não se atêm a condições de verdade ou falsidade; não há, pois, conhecimento científico exceto o das “leis” formais, o mais é mito sem possibilidade de justificação, nem valor de verdade. Uma vez enunciada e dada por aceita, tal colocação, na qual, sob o tema da formalização, campeia um dedutivismo encoberto calcado na estrutura das chamadas “ciências exatas”, passa a ser o *mot d’ordre* para distinguir o que é aceitável como ciência do que não o é. Considerando-se, ademais, o fato evidente de que a conceitualização em psicanálise não gera teoria formalizada, não resta a Strenger a não ser considerar as conceitualizações psicanalíticas como mitos sem nenhum valor epistêmico. Ainda que já o tenha feito mais amplamente em outras ocasiões (1994,1997c), explícito assim de forma sumária os grosseiros mal-entendidos fiscalistas – pois ele os toma, repito, da estrutura das chamadas “ciências exatas” lideradas pela física – nos quais apóia sua peremptória, mas não por isso menos enganadora, afirmação de que a psicanálise, e Freud em primeiro lugar, se conduziu ao longo da história com uma “noção ilusória de teoria”.

Efetuada essa hipérbole do papel da razão dedutiva, Strenger supõe, como antes o fizeram vários proeminentes filósofos neopositivistas do círculo de Viena, que todas as ciências, desde a física até a paleoantropologia ou a etologia, cuja estrutura está tão pouco formalizada como a da psicanálise, deveriam por força aderir a uma estrutura epistêmica unitária ditada pela física e centrada na dedução. E não é demais reiterar que também seu mentor Michel Foucault aderiu firmemente, no capítulo 6 da parte IV de sua *Arqueologia do saber* (1969), à idéia cartesiana (e ulteriormente popperiana) de que os níveis de formalização da teoria são essenciais para delimitar o que é ou não é ciência.

O grande vazio epistêmico que Strenger e Foucault introduzem no campo do conhecimento científico, e de modo mais genérico as correntes literário-filosóficas pós-modernas, suprime de chofre a totalidade das ciências observacionais e suprime também, desde o ponto de vista metodológico, o papel central da observação. O que revoga o embasamento observacional do método clínico da psicanálise no qual, como bem dissera Freud, “*uma ciência baseada na observação deve trabalhar seus achados um a um e resolver seus problemas passo por passo*” (1925, p.58). Estamos face





ao ocaso do *Realitätsprinzip*, do princípio freudiano de realidade.

Daí que Strenger sustente que, nos tratamentos, “*a técnica tem um papel só incidental*” (p.86), que priorizar a evolução psíquica conduz a um moralismo do desenvolvimento (p.179), que se deve dar lugar à uma *protestação ontológica da subjetividade, na qual*, alcançando um espaço para rechaçarem as realidades pessoais e sociais que lhes sejam insuportáveis, os indivíduos possam *recriar-se a si mesmos* segundo seus desejos. Considera exemplares sua paciente Tamara e o filósofo Michel Foucault, cujas atividades sadomasoquistas lhes trouxeram um modo de governar a dor de suas experiências conflitivas, transmutando-as em parte integral da construção deles mesmos como obras de arte (p.181) em uma narrativa heróica de autocriação. No caso de Tamara, uma masoquista sexual orgulhosa de viver tanto fora de todo limite quanto de suas condutas de alto risco, incluindo consumos diários de uma variedade de drogas no que Strenger admite ser um universo gélido e cruel, os eixos de sua identidade consistiam em transformar a dor em prazer, forjando-se uma identidade na interminável luta contra toda convenção social. Foucault, de quem o aproximou o livro de James Miller, *La pasión de Michel Foucault* (1993), cumpriu, para Strenger, uma vida filosófica exemplar transformando os traumas de sua infância em uma luta contra os valores, categorizações e noções sociais que o condenavam à humilhação: as idéias acerca da loucura, o olhar médico, a idéia mesma da natureza humana, o sistema penal, as noções acerca da sexualidade, até colocar finalmente a noção grega antiga do cuidado de si mesmo como fonte de toda a ética atual. Foucault detestava, diz, toda classificação, queria que todos os corpos e todos os prazeres estivessem disponíveis ao desejo individual e encontrava no sadomasoquismo uma forma de contato humano em que os partícipes se uniam para explorar os limites da dor e do prazer, do terror e do êxtase, em que todos os limites se quebravam; o interno e o externo, o “si mesmo” e os outros, o horror e o êxtase se fundiam nas atuações teatrais do sadomasoquismo consensual. Em um nível mais profundo, os rituais sadomasoquistas permitiam-lhe reencontrar-se com a dor e os temores mais profundos no âmbito de um enquadre protetor.

Tamara e Foucault ilustram, sustenta Strenger, o mito da luta heróica contra as limitações do destino em um projeto ontológico de autocriação. A partir dessa perspectiva, o complexo de Édipo não teria que ver com o amor proibido e a rivalidade com a mãe ou o pai, mas com o tolerar ter nascido da união sexual de pais que não escolhemos como tais. No limite, afirma, o desejo edípico seria alguém tornar-se a causa de si mesmo, *causa sui*, ou, o que é igual, poder autocriar-se e ser Deus. As neo-sexualidades, assinala, são artes cênicas que refletem a necessidade estética e a necessidade autoral, fusionando o prazer sexual com a vivência triunfal, sobrepondo-se à dor traumática no campo de jogo de uma estética da existência que celebra as





vozes individuais. O espaço lúdico esteticista, argumenta Strenger, onde festejamos a pluralidade como expressão da capacidade humana de criar formas de vida sempre novas, é uma celebração da individualidade que abandona toda patologização das diferenças, é o lugar para onde – em um grande virada – deverá transladar-se a psicanálise.

Chegamos assim ao ponto de chegada da vertente romântica da psicanálise à qual me referi em *El renacer de los ídolos. El inconciente freudiano y el inconciente nietzscheano* (Ahumada, 2001). Enquanto em seu trabalho inicial de 1989, Strenger não perdia de vista que não cabe estabelecer dicotomias claras entre as atitudes de indagação e de contenção e sustentação emocional que se vinculam às cosmovisões mencionadas, mas que se trata de alcançar equilíbrios, dependendo do tipo de patologia do paciente, e que dependerá do dito equilíbrio a obtenção de boas interpretações, em seu livro recente o analista resulta indistinguível do guia espiritual ou do guru, pois, diz ele, o que faz o paciente no tratamento é aprender de seu terapeuta a linguagem e as convenções de uma disciplina do “si mesmo”, com o que não cabe distinção alguma entre docência e terapia. E se antes reconhecia que, se não nos questionarmos, nos tornaremos impulsivos e irreflexivos, prejudicando os outros e nós mesmos, agora o objetivo passa pelo auto-endeusamento na narrativa heróica e na institucionalização da transgressão. Ainda que o autor não nos proporcione maiores textos clínicos nos quais fundar uma opinião, parece-me, sim, relevante um breve texto de sua paciente Tamara, recordando uma cena de seus seis anos com o pai violento na qual teve um pensamento súbito – “*Se desfruto a dor, serei uma mesma pessoa com papai e ele não poderá nunca mais fazer-me mal*” (p.185) – a partir do qual seu projeto de autocriação apontou-lhe para que demonstrasse que podia ser um varão através da transformação da dor em prazer e unir-se assim com seu pai. O pano de fundo da postura romântica mostra-se aqui com clareza: o que subjaz à atitude heróica é a reversão da situação traumática em uma identificação triunfal com o agressor. Que, aqui, a tensão anti-epistêmica – o desprezo pelo *insight* – derive do temor à revivescência do trauma é suficientemente nítido e indica um tema muito presente no marco pós-moderno: a passagem das psicopatologias da neurose para as patologias narcisísticas e borderlines. Mas o fato de o problema ser grande não lhe dá o mérito de transformá-lo em uma ideologia global. Uma coisa é que alcancemos ou não ajudar Tamara a elaborar sua infância traumática e outra, muito distinta, é supor que as dependências que derivam de ter-se nascido de mãe e pai em vez de ser *causa sui* constituam por si um trauma inabordável merecedor de estatuto ontológico.





O anti-epistêmico como valor axial da pós-modernidade

Há certo consenso em que a anulação do tempo histórico caracteriza o contexto social da pós-modernidade, o que tem efeitos cruciais quanto à situação do inconsciente. No marco sócio-cultural em que se deu o descobrimento freudiano, *a situação da atemporalidade dos processos inconscientes* teve como pré-condição a possibilidade de *contrastá-los com um psiquismo consciente capaz de estabelecer e sustentar uma temporalidade* na delimitação de um antes e um agora e também uma capacidade de alcançar as necessárias fronteiras cotidianas de verdade e falsidade e de estabelecer aprendizagens em um decurso vivencial temporalizável. No marco da sociedade pós-moderna e da cultura da imagem, a infinitização do presente resulta na abolição tanto da historização das próprias vivências quando da atenção às evidências que está na base da possibilidade de aprender com as experiências, a tal ponto que, em um trabalho anterior (Ahumada, 1997a), me pareceu indispensável falar de uma cultura *borderline*.

Na medida em que a sociedade pós-moderna, isto é, no contexto da tecnocultura das mídias, ocorre e se avalia uma abolição da historização pessoal e da atenção à aprendizagem pela experiência, a resultante é que os conteúdos psíquicos primitivos não elaborados afloram mais e mais à superfície do que sucede no campo social e tendem a articular-se em modalidades grupais e/ou políticas.

As tensões entre a versão epistêmica baseada na busca paciente das evidências relevantes e no respeito às mesmas que caracteriza o método freudiano e a versão anti-epistêmica que, como constatamos nas postulações de Strenger, é parte constitutiva do pós-modernismo, se destacam também ao se comparar a indagação freudiana e esse outro epítome do pós-modernismo literário, a desconstrução derridiana. O método freudiano confia em abrir espaço mediante a associação livre do analisado que aporta novas evidências e a atenção paralelamente flutuante do analista como forma de recebê-las, para o impacto dos novos achados que modificarão as suposições prévias conscientes de ambos, no que em outros lugares (Ahumada, 1997b, 2003) caracterizo como um método contra-indutivo. Ao contrário, o paradigma pós-moderno da desconstrução derridiana, restringindo-se ao modelo do texto ao mesmo tempo que o questiona e renunciando, já de início, à aspiração de separar verdade e falsidade, não aponta para materiais novos, nem para alcançar pontos de decisão nos quais o analisado possa chegar a discernir o que é e o que não é certo e, conseqüentemente, o que é mais importante, o que lhe diz, ou não lhe diz respeito.

Dado que, por razões de espaço, me centralizei nas tensões que surgem frente à idéia de inconsciente a partir da cosmovisão do pós-modernismo acadêmico tanto filosófico como literário, queria para finalizar fazer uma breve consideração sobre as





tensões que não mais a noção de inconsciente, mas a idéia mesma de psiquismo agita nas correntes do Tecnopólio, isto é, no amálgama das tecnociências e dos *stablishments* industriais e comerciais que, promovendo a substituição maciça da idéia de psiquismo pela idéia de cérebro, domina ainda boa parte das neurociências e setores não desdenháveis da filosofia neopositivista da ciência. Os ideólogos desses setores incluem autores influentes como Grümabaun e Popper, para os quais a ciência é única e não múltipla e deve ater-se *in toto* aos parâmetros da física.

Veja-se uma prova do orgulhoso desprezo face ao psíquico nos setores ligados às tecnociências sobre o requisito epistêmico mais básico, recolher as evidências pertinentes a cada campo de estudo, requisito que, cabe assinalar, já era bem claro para Aristóteles: há pouco, em uma confrontação na Sociedade Psicanalítica de Nova York, Adolf Grümabaun manifestou a convicção de que sua completa carência de experiência vivencial quanto à psicanálise, longe de constituir um inconveniente para a veracidade ou pertinência de suas argumentações, o colocava em uma situação de vantagem quanto à objetividade! (Trupp, 1999, p.171). Difícil encontrar no terreno da ciência uma melhor apologia da ignorância. □

Abstract

Weakening, or even simply discarding, the possibility of access to valid knowledge, which is a characteristic of the current historic moment – that is, the postmodernity and the postmodernism as a literary and philosophical ideology – only brings tensions, limitation and conceptualization to the access to the unconscious. The present article focuses on some aspects of this complex matter, especially on the impact on how the scientific features and the modus operandi of psychoanalysis are understood based on the classic and romantic universal points of view. It also analyzes how the restrictive versions of the idea of science are employed when one considers the relevance of the psychoanalytical method as a valid empirical approach and, thus, returns to the literature and philosophy the exclusiveness of the human psychism, which is considered as part of their domain by the above mentioned disciplines.

Resumen

Que el debilitamiento, cuando no el descarte liso y llano, de la posibilidad de acceso a conocimientos válidos signa tanto a la época actual – la posmodernidad – cuanto al posmodernismo como ideología literario o filosófica, no puede sino intro-





Jorge L. Ahumada

ducir tensiones en el acceso, la delimitación y la conceptualización del psiquismo inconciente. El presente trabajo se centra en algunos aspectos de esta compleja problemática, en especial en el impacto de como se concibe la cientificidad y el modus operandi del psicoanálisis desde las cosmovisiones clásica y romántica, incluyendo la manera en que las versiones restrictivas de la idea de ciencia que entran en juego quedan puestas al servicio de cuestionar la pertinencia del método psicoanalítico como aproximación empírica válida y de tal modo rescatar para la literatura y la filosofía la exclusividad de los terrenos del psiquismo humano que dichas disciplinas siguen considerando como propios.

Referências

- AHUMADA, J. L. (1994). O que é um fato clínico? A psicanálise clínica como método indutivo. In: _____. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 199-219.
- _____. (1997a). Crise da cultura e crise da psicanálise. In: _____. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 13-31.
- _____. (1997b). A contra-indução na prática psicanalítica: Aspectos metodológicos y técnicos. In: _____. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 221-244.
- _____. (1997c). Para uma epistemologia da psicanálise clínica. In: _____. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 257-277.
- _____. (1997d). Descobertas e refutações. A psicanálise clínica como lógica da indagação. In: _____. *Descobertas e refutações. A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, 341-358.
- _____. (2001). The rebirth of the idols. The Freudian unconscious and the Nietzschean unconscious. *Int. J. Psychoanal.* v. 82, n. 2, p.219-234.
- _____. (2003). *La objetividad en el marco clínico: el doble trabajo de las evidencias*. Panel: Idea y observación: ¿puede la observación clínica evaluar las interpretaciones y las teorías? 43º Congreso de la IPA, Nueva Orleans. www.ipa.org.uk
- FOUCAULT, M. (1969). *L'Archéologie du Savoir*. París: Gallimard.
- FREUD, S. (1925). An autobiographical study. In: *Standard Edition*. v.20, London: The Hogarth Press, 1962.
- GRÜNBAUM, A. (1984). *The foundations of psychoanalysis. A philosophical critique*. Berkeley: University of California Press.
- HOLLAND, N. N. (1998). Reader-response criticism. *Int. J. Psychoanal.* v.79, n.6, 1203-1211.
- HULME, T. S. (1924). Classicism and romanticism. In: _____. *Speculations*. London: Routledge.
- JAMESON, F. (1991). *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press.
- MILLER, J. (1993). *La pasión de Michel Foucault*. Santiago de Chile: Andrés Bello, 1995.
- RICOEUR, P. (1970). *Freud and Philosophy. An essay in interpretation*. New Haven: Yale Univ. Press.
- STRENGER, C. (1989). The classic and the romantic vision in psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal.* v. 70, n.4, 593-610.





O inconsciente na pós-modernidade: as tensões epistêmicas

_____. (2002). *The quest for voice in contemporary psychoanalysis*. Madison: International University Press.

TRUPP, M.S. (1999). Letters to the editor. Response. *Int. J. Psychoanal.* v. 80, n.1, 171.

Recebido em 29/06/2003

Aceito em 13/08/2003

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**

Revisão técnica de **Paulo Henrique Favalli** e **José Carlos Calich**

Jorge Ahumada

Las Heras 3898, 3º “H”,
1425 – Buenos Aires – Argentina
E-mail: jahumada@elsitio.net

© Revista de Psicanálise – SPPA

